

Zappa, trabalho e vinho (enxada, trabalho e vinho). Os imigrantes italianos e sua importância na vitivinicultura de Andradas. Por Ricardo Luiz de Souza.

A imigração italiana para o Brasil sempre foi uma temática de grande investigação histórica, pois o caráter dinâmico que tal imigração causou nas localidades em que foi introduzida alterou profundamente a economia, culinária, política, sociedade, educação e até o esporte. Existe assim, nesse ínterim, uma bibliografia extensa sobre a imigração italiana no Brasil, com uma grande ênfase na colonização do sul do país (RS, SC e PR), do Estado do Espírito Santo, além é claro, da grande imigração subvencionada para o trabalho nas lavouras de café de São Paulo. Em Minas Gerais, com exceção de Belo Horizonte e da Zona da Mata mineira, verifica-se que as pesquisas para algumas regiões e, em especial o Sul de Minas Gerais, ainda são insuficientes para contextualizar as transformações sócias, econômicas, políticas e culturais que esse acréscimo demográfico trouxe à região. Em algumas cidades sul-mineiras, esse percentual chegou a ser bastante alto, tal qual o caso da cidade de Arceburgo, cuja população italiana correspondia a 20% da população total da cidade.

Durante o período do Brasil Colônia, o fluxo de imigrantes para o Brasil sempre foi bastante pequeno, com exceção do período áureo da mineração em Minas Gerais. A imigração no Brasil tem início de modo operante com o apoio e incentivo do Estado só com a chegada da Corte à sua colônia americana, em 1808. Dom João VI busca realizar uma ocupação efetiva dos extensos espaços vazios do Brasil, sendo que os esforços para tal empreitada foram muitos, mas sempre esbarravam nas péssimas condições ofertadas aos imigrantes: assistência inicial precária, débeis vias de comunicação, isolamento, entre outros fatores (OBERACKER JR, 1997 :221). Porém, alguns grupos se instalaram com algum êxito durante o Primeiro Reinado; tais como os casos dos açorianos no litoral sul, dos suíços e alemães na província do Rio de Janeiro e dos alemães e italianos no Rio Grande do Sul.

Devido à grande facilidade e abundância de conseguir escravos africanos para o trabalho nas atividades econômicas do Império e da Colônia, a entrada maciça de mão de obra livre para o trabalho nas grandes lavouras nunca foi incentivada pelas forças produtivas. Mas na primeira metade do séc. XIX, com o surgimento do café e a sua crescente importância na balança comercial, houve o crescimento por mais mão de obra para à lavoura crescente. Entretanto, em um primeiro momento, tal demanda foi suprimida com a compra de escravos das regiões açucareiras do Nordeste, região que

estava em crise havia algum tempo. Porém, com as sucessivas pressões acerca da extinção do tráfico negro por parte da Inglaterra, a necessidade de trabalhadores para a lavoura cafeeira torna-se um assunto recorrente no Governo Imperial.

Em meados do período Imperial, algumas tentativas foram implementadas no sentido de atrair “braços” para a crescente lavoura cafeeira que estava se desenvolvendo de forma extraordinária no Oeste da Província de São Paulo. Em 1847, o então Senador Nicolau Vergueiro importa da Europa algumas centenas de imigrantes suíços, portugueses e alemães para trabalhar na lavoura de café de sua fazenda, a célebre Fazenda Ibicaba, localizada no município de Limeira. Tal acontecimento traz grandes consequências a política imigratória e a imagem do Brasil, devido a uma revolta realizada por parte dos colonos, tendo como motivos os maus tratos, falta de pagamentos e dívidas crescentes¹.

A partir do fim do tráfico negro com a Lei Eusébio de Queirós (1850), a questão da oferta de mão de obra para a cultura do café se tornaria bastante séria. A partir das leis graduais de libertação dos escravos, tais como a lei dos Sexagenários (1865) e do Ventre-livre (1871), o fim da escravidão era questão de tempo (FURTADO, 1991 :117). Em diversas reuniões da Câmara e do Senado Imperial, era discutido a possibilidade de trazer trabalhadores “livres” da Ásia para o trabalho na lavoura cafeeira, que se expandia pelo Oeste de São Paulo; e, em menor escala, no Sul de Minas e Zona da Mata Mineira.

Porém, somente a partir da década de 1880 é que a imigração em massa para o Brasil começa a alcançar os níveis de expressividade de outras nações americanas como os E.U.A e a Argentina. A política de atração de imigrantes para o trabalho sofre uma grande mudança, passando a ser subvencionada pelo Província de São Paulo, a mais rica do Império. Nesse ínterim, mais precisamente no ano de 1887, verifica-se o início de um

¹ O regime de trabalho iniciado na experiência de Ibicaba é o da parceria. Nesse sistema, o trabalhador imigrante ficava com a responsabilidade de zelar por certa quantidade de pés de café, para que no final da safra, o mesmo a entregasse ao proprietário montante final de café colhido. Entretanto, não recebia nenhum bônus pela colheita. Ao término do ano agrícola, eram descontadas do imigrante as despesas da passagem da Europa até o Brasil, além das despesas com estadias e as instalações iniciais na fazenda. Portanto, tal sistema gerava uma dívida que só tinha indícios de aumentar para o trabalhador imigrante. O incidente em Ibicaba chega a macular a imagem da Brasil junto aos órgãos europeus de imigração. Segundo Emília Viotti da Costa, os conflitos entre fazendeiros e imigrantes se davam porque os primeiros ainda possuíam escravos em suas fazendas, e acreditavam que deveriam dar o mesmo tratamento dos escravos aos imigrantes livres como forma de aumentar a produtividade. COSTA, Emilia Viotti da. in O Brasil Monárquico, tomo II: Reações e transações / por Francisco Iglésias... [et al.]. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997 :158-159.

processo imigratório em massa de portugueses, espanhóis, alemães, e, principalmente, italianos.

Nesse novo modelo de captação da mão de obra estrangeira, a província de São Paulo recrutava e pagava os valores das passagens e estadias do imigrante e de seus familiares, para que os mesmos viessem à América. Ao chegar ao Brasil, os imigrantes tinham suas primeiras despesas pagas e eram acomodados em hospedarias, nas quais foram construídas para esse fim. Em seguida, embarcavam nas locomotivas rumo às fazendas de café no interior da província. Esse novo sistema atraía muito mais trabalhadores por ser vantajoso para com os imigrantes que sofriam um grande pauperismo na Europa. Tal sistema fez com que o número de imigrantes aumentasse ano após ano, atingindo o pico de 670.598 imigrantes italianos no período de 1890-1899².

Devido ao esgotamento das regiões auríferas, muitos escravos, que antes trabalhavam nessa atividade, passaram a executar serviços na área agrícola na Província mineira. Os produtos agrícolas estimularam a exportação em Minas Gerais, que também passou a produzir café para vender aos países europeus. Os alemães foram os primeiros imigrantes que o governo de Minas Gerais incentivou a virem até a Província e chegaram aqui por volta de 1857. Eles foram instalados em colônias agrícolas que tinham o objetivo de povoar regiões, naquela época, ainda desabitadas. As primeiras colônias que foram criadas chamavam-se Mucuri e D. Pedro Elas ficavam próximas a Juiz de Fora. Essas primeiras colônias agrícolas não deram o resultado esperado pelo governo. Por causa da dificuldade de comunicação com outras regiões da Província, os imigrantes não conseguiam vender seus produtos, e também porque esses alemães estavam acostumados a viver nas cidades em sua terra natal.

Próximo à libertação dos escravos, foram trazidos mais imigrantes para Minas Gerais. Nesse período, o número de plantações de café era muito grande e se fazia necessário um maior número de trabalhadores para realizar as atividades agrícolas. Além dos imigrantes que vinham para trabalhar na lavoura de café nas colônias agrícolas, vieram até Minas Gerais outros que iriam exercer atividades nas construções das estradas

² A entrada de italianos no Brasil tem seu ápice entre o período de 1880 a 1910, devido às crises que abalavam a estrutura da recém unificada Itália. Depois de 1915, devido às melhorias no padrão de vida dos italianos e a recuperação econômica da península itálica, o número de imigrantes cai consideravelmente, até minguar-se na década de 30, com as novas leis de imigração decretadas pelo governo de Getúlio Vargas. Ver COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DA HISTÓRIA DOS 80 ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL. *Uma epopeia moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil* – São Paulo- Hucitec: Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992 :24.

de ferro. A edificação da Ferrovia Oeste de Minas ocorreu devido ao trabalho de muitos imigrantes (1894).

O Estado de Minas Gerais, de certo modo, também “copiou” o modelo paulista de subvenção à imigração a partir de 1890, mas sem conseguir atrair o mesmo quantitativo que o Estado vizinho. Nesse ínterim, Petrone (1997) afirma:

“Em Minas gerais, onde a cultura do café apresentava grande desenvolvimento em fins do século passado, quis-se imitar o “sistema paulista” de atrair imigrantes. A partir de 1892 o Estado passou a subsidiar as passagens dos imigrantes que deviam resolver os problemas de mão-de-obra dos fazendeiros de café. Mas, ao contrário do que acontecia em São Paulo, os imigrantes deviam, depois de instalados, reembolsar o Estado com dois terços dos gastos, além de os fazendeiros serem obrigados a se responsabilizarem por uma parte das despesas. Em 1894, percebendo-se que esse sistema não dava resultado, e que assim não se poderia atrair imigrantes que preferiam São Paulo, o governo resolve subsidiar inteiramente a passagem, além de criar em Gênova um escritório que devia promover a imigração de italianos para Minas Gerais. A imigração subsidiada, entretanto, só foi mantida até 1897, tendo sido introduzidos 51259 imigrantes, dos quais 47134 eram italianos. Esses imigrantes em sua maioria foram instalados em fazendas de café no Sul do Estado. Segundo Fellipo Grossi havia, em 1911, instalados em Minas Gerais, ou em fazendas de café, ou em núcleos coloniais, cerca de 150000 imigrantes italianos” (PETRONE, 1997, p. 121).

Em Minas também se tentou criar alguns núcleos coloniais. Em 1911, por exemplo, existiam onze onde predominavam os italianos, aparecendo também alemães. Ao que parece, num primeiro momento, enquanto a cultura cafeeira avançava em Minas, muitos imigrantes entrados em São Paulo se dirigiam para aquele Estado. Num segundo momento, quando os cafezais entraram em declínio, os imigrantes refluíram para São Paulo.

Depois do imigrante se instalar nas fazendas de café, era permitido na maioria das vezes, o plantio de gêneros de primeira necessidade nas entrelinhas do cafeeiro, o que diminuía consideravelmente os custos de vida de sua família. O contrato de trabalho estipulado entre os trabalhadores italianos e o fazendeiro estabelecia que o imigrante teria que zelar de certa quantidade de pés de café durante certo tempo, recebendo assim um pequeno salário nesse período (PETRONE, 1997 :275). Chegando na época da colheita, o imigrante recebia ainda uma bonificação pela quantidade de café colhido, o que aumentava ainda mais seus rendimentos. Depois de colhido o café, o imigrante e seu núcleo familiar empregavam-se nas tarefas anuais de cuidar do cafezal, tais como: carpir, preparar o terreno, adubar, colher os alimentos plantados nas entrelinhas do cafeeiro, etc., refazendo assim, todo o ciclo econômico da cultura. Geralmente, trabalhavam nessas atividades todos os membros da família, ou seja, mulheres, crianças e jovens³.

³ O Sr. Ricardo Sasseron (1917-2011), foi um importante vitivicultor da cidade de Andradas. Em entrevista oral que ele realiza ao pesquisador Carlos Rovaron, o Sr. Ricardo descreve os interessantes

Por parte das relações de trabalho, era comum que o imigrante se transferisse de fazenda, sempre em busca da propriedade que fosse mais vantajosa financeiramente e que oferecesse melhores recursos para o seu desenvolvimento. Diferente do trabalho escravo, o novo modelo de trabalho e os novos fatores sociais permitiam uma dinamização e uma rotatividade da mão de obra nas propriedades rurais, sendo criado um novo paradigma: o do trabalhador livre e assalariado⁴.

Com o passar dos anos, as habitações dessas numerosas famílias italianas vão melhorando, passando a ter mais conforto no acabamento, na mobiliário e em sua estrutura física. Com o excedente do plantio e processamento dos gêneros de primeira necessidade, os italianos faziam vendas e trocas comerciais com imigrantes de outras nacionalidades ou com os brasileiros de outras vilas, povoados e cidades. Com o estabelecimento de seus núcleos familiares e vencida a adaptação, os italianos começam a realizar outras atividades econômicas, participando do comércio de secos e molhados, de profissões liberais e de profissões artesanais, tais como: ferreiro, calceteiro, pedreiro, pintor, escultor, etc. nas cidades e regiões que escolhem para viver.

Os italianos e o cultivo da uva e do vinho em Andradas.

O atual território de Andradas, localiza-se na porção Sul do Estado de Minas Gerais e é limítrofe com vários municípios paulistas, tais como São João da Boa Vista e Espírito Santo do Pinhal. A Vila do Caracol (Andradas) recebeu muitos imigrantes

mecanismos do trabalho e a acumulação de capital que o imigrante conseguia nas propriedades cafeeiras. Na entrevista, o Sr. Sasseron também descreve o processo de compra dos pequenos lotes de terra na Vila do Caracol, por parte dos imigrantes italianos provenientes das fazendas de café paulistas, afirmando que a terra em Andradas era barata e muitos fazendeiros da região encontravam-se bastante endividados, o que fazia com que esses lotes fossem cada vez mais fracionados. Ver ROVARON, Carlos Eduardo. *Ocupação da região da Caldeira Vulcânica de Poços de Caldas-MG (Séc. XVIII-XX)*. 2009. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo :206-210.

⁴ A Grande maioria dos imigrantes vindos da Itália considerava o trabalho na fazenda de café como passageiro. Economizavam seu parco dinheiro durante anos, com o desígnio de tornarem-se proprietários de terras. A possibilidade de conseguir um lote de terra dentro de alguns anos era o grande chamariz para os imigrantes italianos, que em seu país tinham poucas oportunidades semelhantes. In OBERACKER JR., Carlos H O Brasil monárquico, tomo II: reações e transações/ por Francisco Iglésias...[et al.]. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 1997- (História geral da civilização brasileira; v. 3, t. 2)

provenientes das fazendas de café dessa região, que é pertencente a extensa e rica região da Mogiana Paulista. Esses imigrantes provenientes do norte da Itália, vieram para substituir os ex-escravos que trabalhavam nas fazendas de café da região, e posteriormente, para virarem proprietários. O historiador andradense João Moreira da Silva, autor da obra “*Caminhando de Samambaia a Andradas, organizado postumamente por sua filha*”, a memorialista Nilza Alves de Pontes Marques, adverte para às condições socioeconômicas que fizeram à vinda desses imigrantes para a região de Andradas:

O fim da escravidão ainda tardaria quase dez anos, mas, em 1880, o café já exigia a contratação de mão-de-obra para o trato e a colheita. O Brasil (principalmente o Sul) iniciava a política de atrair imigrantes alemães e italianos. Em São Sebastião do Jaguary não era diferente e os italianos começaram a chegar, a partir da abertura oficial à imigração, em 1893. Contratados para substituir os escravos, moraram inicialmente nas senzalas. Os registros guardam nomes das primeiras famílias: Guido, Athanazio, Venturelli, Baldassari, Benassi, Conti, Trielli, Lomgo. Por essa época, havia cerca de cem casas na comunidade, das quais três assobradadas mais antigas e mais de vinte, novas. (PONTES, 1996 : 128).

A Estrada de Ferro Mogiana S.A possuía ramais e estações nos municípios paulistas limítrofes com a Vila do Caracol (São João da Boa Vista e Espírito Santo do Pinhal), municípios em que a cafeicultura se desenvolvia. Esse fator logístico e a proximidade que tais localidades possuíam da Vila do Caracol pode ter contribuído para que muitos imigrantes viessem para a Vila com o objetivo de comprar lotes de terra ou simplesmente trabalhar.

Com respeito ao contingente social que compunha a Vila do Caracol, a Revista do Arquivo Público Mineiro, do ano de 1900, assim descreve: “Ha no districto grande numero de trabalhadores estrangeiros, de nacionalidade italiana em sua quasi totalidade, que vencem o salario de 2\$ a 8\$ com ou sem alimentação fornecida pelos proprietários”. Essa fonte nos revela que talvez uma parte dos imigrantes que vieram para Andradas não se constituíam inicialmente de pequenos sitiantes, mas de jornaleiros que trabalhavam em diferentes propriedades locais. O relatório da Revista do Arquivo Público Mineiro ainda descreve que a totalidade dos negociantes da Vila é estrangeira, de totalidade italiana. Tal fonte ainda traz uma informação importante acerca do destino dos ex-escravos da região e a sua substituição paulatina pelos trabalhadores mediterrâneos:

A emigração para fora do municipio nos últimos tempos, quer para outros pontos deste Estado, quer para o do São Paulo consiste apenas de ex-escravos, cujo numero estima-se em 1500, e que abandonaram esta localidade por não quererem submeter-se ás justas e previdentes exigências da autoridade policial no sentido de obrigalo-os a empregar-se. Esse movimento, porém, cessou, com a sahida da população ociosa e inútil. (ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO.

Se por um lado foi o Cel. Oliveira que instala e prepara as cultivares de uvas para se adaptarem ao clima, solo e altitude da antiga Caracol no final do séc. XIX⁵, por outro lado são os imigrantes italianos e seus descendentes que fizeram da vitivinicultura uma importante economia da região, expandindo-a em seus pequenos terrenos. Esse novo grupo social adaptou-se muito bem ao cultivo da parreira, pois muitos desses trabalhadores já tinham conhecimentos e experiências sobre a cultura da uva, desde os tempos de quando eram trabalhadores na Itália. Adaptaram-se também muito bem ao cultivo da uva Jacques, a videira historicamente mais cultivada do município e a que mais se adaptou ao clima da região.

Em 1917, um dos jornais da antiga Vila do Caracol relata a importância da presença italiana nas mais distintas ocupações e meios econômicos da localidade sul mineira. Tal periódico é bastante enfático ao relatar a representatividade e a importância social dos imigrantes e seus descendentes na sociedade caracolense:

É, sem dúvida, predominantemente neste município, **a colônia italiana**. Em todos os ramos que constituem a nossa atividade coletiva e publica, tem a laboriosa colônia italiana, de Caracol, os seus representantes. A nossa lavoura agrícola tem nesse elemento de progresso e de riqueza a cousa única do seu aumento sempre crescente. O incremento que as nossas fazendas têm tomado ultimamente, produzindo resultados bastante compensadores aos seus felizes proprietários, é devido exclusivamente a essa laboriosa colônia que, procurando resultados satisfatórios aos seus esforços e às suas energias dispendidas, cultivando e valorizando imensamente essas propriedades agrícolas, permite aos seus proprietários resultados positivos, risonhos e benfazejos.

Essa pacata colônia italiana aqui domiciliada, conta no seio também muitos proprietários fazendeiros, produzindo frutos salutareos que são productos de seus esforços sobrehumanos e da sua constancia efficaz e produtiva no trabalho.

Não e admissível um **elemento numeroso e precioso, como este**, seja deixado a margem, quando o maior incremento de riqueza existente e que muito leva aos cofres públicos lhe é devido, permitindo-lhes regalias de direito e que

⁵ Em 29 de fevereiro de 1888, por mediação do Cel. José Francisco de Oliveira, foram plantadas vinte variedades de parreiras provenientes da França, por mediação da empresa Elach Freres & Cia, de São Paulo. Entre estas, cerca 487 pés da variedade Jacques foram plantados, além é claro, de outras variedades de uvas. O Cel. realiza alguns experimentos com essas cultivares em suas propriedades, e percebendo que seus experimentos logram êxito, logo começa a produzir vinhos. O pioneirismo do Cel. José Francisco de Oliveira, proprietário da Fazenda Pitapetinga na Vila do Caracol, também é citado na “Revista Industrial de Minas Geraes”, que destaca que o viticultor resolvera praticar “novos ensaios de aclimação e cultura, e comprou de uma casa importadora, Loja do Japão -, na cidade de São Paulo, em agosto de 1890, grande quantidade de mudas enraizadas de videiras de diferentes casas, que passam por productoreas de bom vinho”. OLIVEIRA, Francisco de Paula. Revista Industrial de Minas Geraes. MEDRADO, Alcides (Editor). Ouro Preto: Imprensa Oficial de Minas Gerais, ano I, n. 4, 15 de janeiro de 1894.

podem ser exigidas, porque não é permitido, antes tornar-se censurável, que um elemento assim, seja acintosamente e por capricho de nacionalidade, afastados do negócio público do lugar

É também no comércio local vantajosamente representadas. Enfim, em todos os ramos da nossa vida activa ella tem seus representantes, e numerosos, que concorre para a nossa riqueza e para o progresso e adiantamento do lugar. [...] **A riqueza agrícola de Caracol é facto e está, indubitavelmente nas mãos desse elemento trabalhador e progressista** [...] Grifos nossos. (PEREIRA, Fábio. Honra ao Mérito. Jornal a Defeza. Anno I- nº 7- Caracol, 22 de julho de 1917 :01.

Muitas outras localidades sul mineiras limítrofes com o Estado de São Paulo também receberam uma grande massa imigrante de diversas nacionalidades, contudo, o maior número era sempre de proveniência italiana. Atraídos por melhores opções de trabalho, moradia ou pela possibilidade de compra de terras, muitos imigrantes cruzaram as divisas dos Estados e adentraram em solo sul mineiro. O recenseamento de 1920, presente no anuário estatístico de Minas Gerais nos dá um importante quantitativo do total de imigrantes no primeiro quartel do século XX, no município de Caracol (Andradas).

Quadro 01: Imigrantes e sua proveniência na Vila do Caracol.

Pais	Homens	Mulheres	Total
Alemanha	5	4	9
Áustria	7	4	11
França	2	2	4
Espanha	161	118	279
Itália	636	513	1149
Portugal	30	27	57
Outros países Europeus	1	1	2
Argentinos	2	2	4
Turquia Asiática	22	13	35
Brasileiros	10047	9358	19405

Fonte: Anuario Estatístico de Minas Gerais, anno de 1921 :78.

Partindo da observação da tabela descrita acima, podemos perceber que a maioria dos imigrantes no município é composta de italianos. Contrastando-a com a matéria do Jornal “A Defeza”, podemos observar um certo exagero por parte desse último,

entretanto, não podemos negar a grande participação da população italiana na composição social do município. Outros grupos de diversas nacionalidades também se instalam, sendo o segundo grupo com maior volume demográfico o dos espanhóis. Todos esses povos compartilhavam um sonho em comum que era “fazer a América”, ou seja, prosperar.

O recenseamento agrícola realizado pelo Estado de Minas Gerais no ano de 1920, nos dá um importante dado sobre a distribuição fundiária da Vila do Caracol. Do total de terras recenseadas, 128 propriedades são pertencentes aos imigrantes. Essas terras possuem uma área total de 4118 há. Calculando em média simples, obtemos em média cerca de 32 há por propriedade. É um grande contraste com a ocupação da terra por brasileiros, pois do total de uma área de 32.658 há, existem 432 proprietários brasileiros. Usando a média simples, temos aqui como a área média 75 há. Tal fator reforça o fracionamento do solo em pequenas glebas para os imigrantes que se instalaram em Caracol, como pode ser verificado no processo de arrolamento de Inês Fava, na qual sua propriedade que deixou para seus herdeiros consiste de uma sítio com 01 alqueire de terra, mas com 2000 pés de uva plantados⁶.

Uma vez donos de seus próprios terrenos, os imigrantes dão início ao plantio de café e gêneros de primeira necessidade (milho, feijão, arroz, etc.), mas também deixam parcelas de suas terras para o cultivo de uvas. Com essas uvas, começam a produzir artesanalmente vinhos para o consumo próprio, para as festividades religiosas ou para a recreação com amigos e vizinhos. Tal argumento é reforçado quando se analisa os processos de arrolamento e de inventário da 1.º e 2.º Comarca de Andradas. Nesses processos⁷, podemos perceber que a propriedade de posse do imigrante italiana era de pequena extensão, ou seja, poucos *hectares* ou alqueires. Entretanto, também ao analisar essas informações percebemos que os donos dessas propriedades plantavam café, além do cultivo da uva e de outras culturas. O processo de inventário de Edwiges Basso Fossa, registrado no Cartório do 2º Ofício da Comarca de Andradas, demonstra que os bens da

⁶ Processo de arrolamento de Inês Fava, de 02 de maio de 1945. Cartório do 01º Ofício da Comarca de Andradas, F. 8V. Nesse processo, verifica-se que a propriedade que será dividida entre os herdeiros é pequena (01 alqueire), além da casa (07 cômodos, de telhas e bem feita). Mas o mais interessante dessa escritura é a quantidade de parreirais plantados em uma área tão pequena de terra.

⁷ No processo de arrolamento de Angela Moreti Stivanin, de 05 de março de 1944, os bens da falecida são descritos como uma chácara na localidade “Lagoa Dourada”, com 4 alqueires e ½, contendo 2.000 pés de café e 4.000 pés de uva. Arrolamento de Angela Moretti Stivanin, do dia 05 de março de 1944. Cartório de 01º Ofício da Comarca de Andradas. Folhas 7V-8.

falecida eram constituídos de 1.1/2 alqueires de terra, com 1.500 pés de videiras e 1000 pés de videiras novas (2.500 no total)⁸. Já no inventário de Henrique Pastre e Maria Tonon Pastre, de 07/10/1935, podemos perceber a existência da pequena adega produtora e os equipamentos para a produção de vinho.

[...] Uma outra parte de terras, com área de dois alqueires no lugar denominado “morro-secco”, deste districto, terras essas ocupadas com cafês e videiras e pastos. Uma casa de morada regular com uma pequena cantina com os respectivos vasilhames para a fabricação de vinho e mais benfeitorias, confrontando-se essa parte com o falecido Emiliano Pontes, Antonio Trevizan e Randolpho Frizzo [...] (Inventário de Maria Tonon Pastre, de 07/10/1935. Cartório do 2º Ofício da Comarca de Andradas, Folha 04)

Com o passar do tempo, essas numerosas adegas que vão se formando começam a comercializar seus vinhos com variados locais, seja por conta da qualidade, da aceitação no mercado, ou também, do desenvolvimento da indústria de bebidas nacional. Nisso, os vinhos produzidos pelos vitivinicultores andradenses começam a ser vendidos para diversas localidades de Minas Gerais e no crescente mercado paulista. Aliada ao fator do crescimento da indústria nacional nos primeiros decênios do sec. XX, é verificada também uma melhoria nos transportes em geral, fator esse que contribuiu para o sucesso da empresa vinícola de Andradas. Dessa forma, o escoamento do vinho para as cidades do interior de São Paulo, para outros estados e para o próprio Sul de Minas eram facilitados pela melhoria no transporte rodoviário e pelo alcance das ferrovias.

O Cultivo da Uva Jaquez

A Jaquez é uma uva da variedade *Vitis bourquina*, usada na elaboração de vinhos tintos comuns. As bourquinas são híbridas originadas de cruzamentos naturais de variedades americanas e viníferas europeias (INGLEZ DE SOUSA, 1996). Apesar de ter sua origem desconhecida, era observada desde 1929 nos Estados Unidos. Foi introduzida 25 anos mais tarde na França, quando foi bastante empregada como porta-enxerto. Em 1993, cerca de 90% de toda a área destinada a viticultura em Andradas era ocupada pela variedade Jaquez, fator que demonstra a importância dessa variedade para a história vinicultora andradense.

Embora a existência da Jaquez em Andradas seja anterior à chegada dos imigrantes italianos, a responsabilidade por ter transformado o cultivo dessa uva e seu respectivo vinho em tradição no município cabe a eles. Foram esses imigrantes que intensificaram o

⁸ Processo de Inventário de Edwiges Basso Fossa, do dia 15/04/1937. Cartório do 2º Ofício da Comarca de Andradas, Folha 08.

cultivo dessa uva, dando a mesma o sabor, a cor e a qualidade nas bebidas produzidas, criando uma espécie de tradição na forma de produção do vinho. Ao falarem do cultivo da uva Jacquez e da produção do vinho, os vitivinicultores se recordam do passado, da infância nos parreirais e do afeto que têm por eles.

“Plantava 50 plantas de uva aqui e depois na outra lombadinha lá em cima, que o café tinha estragado mais 80. E essa uva era para fazer o vinho para eles consumirem. Mas essa uva, basicamente uma variedade, era Jacquê que chamava Jacquez, né?! Ela produzia um vinho que agradava aquele paladar, e... tudo bem fazia aquele vinho”⁹ (KALIL, 2016. P. 68)

Portanto, a uva Jacquez representa a memória das adegas andradenses, como algo que se faz ou em que se acredita, porque os antepassados assim o fizeram ou acreditaram que tal empreendimento seria profícuo. Nesse interim, o Cultivo da Jacquez é parte da memória histórica da Cidade de Andradas por representar as diversas gerações que empreenderam o trabalho no crescimento da indústria do vinho.

Anexos.

Quadro 02: Produção de uvas no Estado de Minas Gerais no ano de 1952.

Produção	Uvas (kg)	Valor (Cr\$)
Andradas	3.541.700	35:417.000
Caldas	1.800.000	4:500.000
Santa Rita de Caldas	560.000	1:400.000
Poços de Caldas	182.000	546.000
Campestre	142.000	213.000
Barbacena	95.200	476.000
Capelinha	91.000	182.000
Diamantina	78.000	390.000
Bueno Brandão	50.000	150.000
Maria da Fé	42.000	126.000
Outros municípios	843.800	4:754.045
Total	7.426.290	48: 154. 795

Fonte: Anuário Estatístico de Minas Gerais. Brasil- Departamento Estadual de Estatística de Minas Gerais. Belo Horizonte. Imprensa Oficial. Ano VI, 1952. P.169.

Indústria de transformação e beneficiamento de produtos agrícolas.

**Empresas arroladas e respectiva organização
Quadro nominal, por indústrias, nos municípios (Andradas).**

Vinho de Uva

Firmas	Localização	Capital e reservas	Pessoal empregado			Motores	
			Homens	Mulheres	Total	Nº	Potência (HP)
A. Irmão	Sede	2:000\$	2	-	2	-	-
Alberto Martineli	Sede	10:000\$	4	-	4	-	-
Ângelo Del Solto	Sede	2:500\$	2	-	2	-	-
Antônio Trevisan	Sede	2:500\$	2	-	2	-	-
Antônio Sasseron & irmão	Sede	3:000\$	3	-	3	-	-
Antônio Stivanin & Irmãos	Sede	2:000\$	3	-	3	-	-
Antônio Vitorino Junior	Sede	3:000\$	3	-	3	-	-
Armando Orsini	Sede	3:000\$	2	-	2	-	-
Artur Riso	Sede	2:000\$	1	-	1	-	-
Batista Panceli	Sede	1:500\$	1	-	1	-	-
Camargos & Campos	Sede	3:000\$	1	-	1	-	-
César Fava & Irmãos	Sede	5:000\$	3	-	3	-	-
Erico Buzato	Sede	4:000\$	3	-	3	-	-

Etore Trevisan & Irmãos	Sede	3:000\$	3	-	3	-	-
Fernando Fossa	Sede	10:000\$	2	-	2	-	-
Florêncio Augusto Pontes	Sede	20:000\$	2	-	2	-	-
Francisco Trevisan	Sede	8:000\$	1	-	1	-	-
Guerino Marcon & Irmãos	Sede	16:000\$	6	-	6	-	-
Heitor Piole	Sede	3:000\$	1	-	1	-	-

Cont.

Firmas	Localização	Capital e reservas	Pessoal empregado			Motores	
			Homens	Mulheres	total	Nº	Potência (HP)
Henrique Pastre	Sede	4:000\$	1	-	1	-	-
Henrique Simão	Sede	1:200\$	1	-	1	-	-
Irmãos Venturelli	Sede	10:000\$	3	-	3	-	-
Jacinto Bertoli	Sede	3:000\$	2	-	2	-	-
Jordão Martinelli	Sede	3:000\$	2	-	2	-	-
José Afonso Graziani	Sede	2:000\$	2	-	2	-	-
José Basso	Sede	1:000\$	1	-	1	-	-
José Cognolato	Sede	2:000\$	2	-	2	-	-
José Muterle	Sede	3:000\$	1	-	1	-	-
José Ronzani & Irmão	Sede	4:000\$	3	-	3	-	-
José Stivanin	Sede	1:000\$	1	-	1	-	-
José Tossini	Sede	2:5000\$	2	-	2	-	-

José Vicente	Sede	5:000\$	2	-	2	-	-
Luciano Stela	Sede	3:000\$	2	-	2	-	-
Luiz Titato	Sede	2:000\$	2	-	2	-	-
Luiz Venturelli	Sede	2:000\$	2	-	2	-	-
Manuel Torres Filho	Sede	3:000\$	1	-	1	--	-
Maria T. de Almeida Bretas	Sede	5:000\$	2	1	3	-	-
Maria Trevisan Basso	Sede	6:000\$	1	1	2	-	-
Mário Lanzani	Sede	3:000\$	4	-	4	-	-
Olímpio Matrazi	Sede	1:000\$	2	-	2	-	-
Pedro Campesi	Sede	3:000\$	1	-	1	-	-
Pedro Salvi & Irmão	Sede	3:000\$	3	-	3	-	-
Procópio Stela	Sede	2:000\$	2	-	2	-	-
Silvestre Zerbelto	Sede	1:500\$	1	-	1	-	-
Sociedade Vinícola Andradas	Sede	20:000\$	4	-	4	1	2
Vitor Zavanini	Sede	3:000\$	2	-	2	-	-

Fonte: Anuário Industrial de Minas Gerais. Ano de 1937. Imprensa Oficial, Belo Horizonte, 1939 :43-44.

Fontes e Bibliografia

Anuários Estatísticos:

Disponível em memoriaestatistica.gov:

- *Anuario Estatístico de Minas Gerais*, anno de 1921. Imprensa Oficial. Belo Horizonte, 1922.
- *Anuário Industrial de Minas Gerais*. Ano de 1937. Imprensa Oficial, Belo Horizonte, 1939. p. 43-44.

- Anuário Estatístico de Minas Gerais 1950, Departamento Estadual de Estatística, 1951 (volume: Ano IV; 1950).

Jornais:

- PEREIRA, Fábio. Honra ao Mérito. Jornal “*a Defeza*”. Anno I- nº 7- Caracol, 22 de julho de 1917. Acervo da Casa da Memória de Andradas.

Relatórios:

Acervo do Museu Municipal João Moreira da Silva, em Andradas:

- *Agência Municipal de Estatística* - Dados econômicos, sociais, físicos e geográficos. Ano de 1946. Acervo do Museu Municipal João Moreira da Silva

Fontes Cartoriais:

Disponíveis no acervo do Fórum de Andradas.

- Arrolamento de Angela Moretti Stivanin, do dia 05 de março de 1944. Cartório de 01º Ofício da Comarca de Andradas. Folhas 7V-8.
- Processo de arrolamento de Inês Fava, de 02 de maio de 1945. Cartório do 01º Ofício da Comarca de Andradas, F. 8V.
- Processo de Inventário de Edwiges Basso Fossa, do dia 15/04/1937. Cartório do 2º Ofício da Comarca de Andradas, Folha 08.
- Processo de Inventário de Maria Tonon Pastre, de 07/10/1935. Cartório do 2º Ofício da Comarca de Andradas, Folha 04.

Outras fontes:

- VEIGA, Bernardo Saturnino da. *Almanach Sul-Mineiro*. Campanha: Typographia do Monitor Sul-Mineiro, 1874. Acervo da Casa da Memória de Andradas.
- *Agência Municipal de Estatística* - Dados econômicos, sociais, físicos e geográficos. Ano de 1946. Acervo do Museu Municipal João Moreira da Silva.
- MEDRADO, Alcides (Editor). Ouro Preto: Imprensa Oficial de Minas Gerais, ano I, n. 4, 15 de janeiro de 1894.
- JACOOB, Rodolfo. *Minas Gerais no XXº Século*. Gomes, Irmão & C. Rio de Janeiro, 1911.
- *Analyses dos Vinhos Mineiros*. Concurso Agrícola de 1895. Imprensa Oficial de Minas Gerais. Ouro Preto, 1896,
- CABRAL, Carlos. *Presença do Vinho no Brasil: um pouco de história*. São Paulo: Editora da Cultura, 2004

- CAMPOS, Sebastião Roberto de. *Andradas e sua trajetória luminosa*. Andradas: Caseli & Ribeiro Gráfica e Editora Ltda, 1996.
- CASALECCHI, José Ênio. *Arrolamento das fontes históricas do município de Andradas (Estado de Minas Gerais)*. Revista de história, v. 42, n. 85, 1977. p. 227-240,
- COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DA HISTÓRIA DOS 80 ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL. *Uma epopeia moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil* – São Paulo- Hucitec: Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992.
- COSTA, Emilia Viotti da. *O escravo na grande lavoura*. in *O Brasil Monárquico, tomo II: Reações e transações* / por Francisco Iglésias... [et al.]. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997
- INGLEZ DE SOUSA, Julio Seabra (Coord.). *Uvas para o Brasil*. Piracicaba: FEALQ, 1996.
- FAQUIÉRI, José Constantino. *Zé Barbosa: O Prefeito do Povo, da paz e do progresso*. 1º edição Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2008.
- FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: história e historiografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, 16ª Ed.
- FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Editora Nacional, 1991.
- KALIL, Thalassa. *O vinho em Andradas (MG): sabor, paisagem, lugar, memória e perspectivas na percepção dos produtores/Wine in Andradas (MG): flavor, landscape, place, memory and prospects in the perception of the producers*. *Geograficidade*, 2016, 6.2: 50-70. 2012.
- KLEIN, Herbert. *Migração internacional na história das Américas*. In: FAUSTO, Boris. (Org.) *Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina*. São Paulo: Edusp,
- 1999.
- MARQUES, Nilza Alves de Pontes Marques. *Os Estrangeiros na Construção de Andradas*. Andradas: Caseli & Ribeiro Gráfica e Editora LTDA. 1995.
- MENDONÇA, Sônia Regina de. *Estado e economia no Brasil: opções de desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Graal, v. 30, 1986.
- _____ . Estado e Sociedade, a consolidação da república oligárquica. Linhares, Maria Yedda. "História Geral do Brasil. Rio de Janeiro: Campus (1990).p, 322
- OBERACKER JR., Carlos H. *A Colonização baseada no regime de pequena propriedade*. in *O Brasil Monárquico, tomo II: Reações e transações* / por Francisco Iglésias... [et al.]. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- OLIVEIRA, Orlandina de y ROBERTS , Bryan “ Las estructuras agrarias de América Latina, 1930- 1990,. p. 216 – 267. in BETHELL, Leslie. História da América Latina: A América Latina após 1930: Economia e Sociedade Vol. 6. EdUSP, 2005.

- PASTRE, Rafael. *Evolução Sócio-econômica de Andradas-MG*. Trabalho de Conclusão de Curso, Instituto de Economia, Unicamp, 2012.
- PETRONE, Tereza Schorer. *Imigração assalariada. In O Brasil Monárquico, tomo II: Reações e transações / por Francisco Iglésias... [et al.]*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- RODRIGUES BOTELHO, Tarcísio; PORTO BRAGA, Mariângela; VIEGAS DE ANDRADE, Cristiana. *Imigração e família em Minas Gerais no final do século XIX*. Revista Brasileira de História, v. 27, n. 54, 2007.
- ROMERO, Lia Alejandra Borcosque et al. *A vitivinicultura no estado de São Paulo (1880-1950)*. Tese de Doutorado. São Paulo, 2004.
- ROVARON, Carlos Eduardo *O xadrez imobiliário: as peças humanas, o tabuleiro de terras e as novas regras do jogo em Caldas-MG (Séc. XIX)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015 (tese de doutorado).
- _____ . *Ocupação da região da Caldeira Vulcânica de Poços de Caldas-MG (Séc. XVIII-XX)*. 2009. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- SAES. Guilherme Azevedo Marques de. *O Nacionalismo Econômico e o Desenvolvimentismo do Tenente Juarez Távora (1930-1934)*. II Conferência Internacional em História Econômica & V Encontro de Pós-graduação em História Econômica. Brasília, 23 e 24 de setembro de 2010. p.12.
- SILVA, João Moreira. *Caminhando de Samambaia a Andradas*. Andradas: Pontes, 1996. (Obra póstuma).